

A crise da ciência Moderna na Psicologia: reflexões sobre outras Saídas históricas, tais como a 'Epistemologia Qualitativa'

The crisis of the modern science in the psychology: reflections on other historical exits, such like Qualitative Epistemologia

Eliana Mendonça Vilar Trindade¹
Liana Fortunato Costa²

RESUMO

Buscamos discutir a contribuição de Fernando González Rey, considerando seus antecedentes históricos e principais conceitos. Mantemos o foco na Epistemologia Qualitativa, na qual a produção científica procura uma aproximação e diálogo com o real, numa proposta de conhecimento construtivo-interpretativo, e que se mostra capaz de orientar a construção de alternativas metodológicas e a escolha de abordagens mais adequadas ao estudo de fenômenos complexos, como é o caso da subjetividade. A Epistemologia Qualitativa representa a mudança de uma epistemologia de resposta para uma epistemologia de construção, onde o aparato instrumental é substituído por uma aproximação metodológica construtiva, e se apóia em três princípios: o conhecimento é uma produção construtivo-interpretativa; o caráter interativo do processo de produção do conhecimento é enfatizado nas relações pesquisador-pesquisado e a significação da singularidade é um nível legítimo da produção do conhecimento. Apresentamos ainda um exemplo de pesquisa nesta proposta epistemológica.

Palavras chave: Epistemologia qualitativa; Método construtivo interpretativo; Pesquisa qualitativa; Subjetividade; Psicologia clínica.

¹Faculdade de Medicina da Escola Superior de Ciências da Saúde/FEPECS/SES. Brasília-DF, Brasil.

²Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Brasília-DF, Brasil.

Correspondência

Eliana Mendonça Vilar Trindade
Edifício FEPECS, SMHN quadra 501, bloco A, Brasília-DF 70710-904, Brasil

ABSTRACT

We aimed at discussing the contribution of Fernando González Rey considering his historical antecedents and main concepts. We focused on the Qualitative Epistemology, in which the scientific production seeks closeness and a dialogue with the factual, in a proposal of constructive-interpretative knowledge, and is capable of guiding the construction of methodological alternatives and the choice of more adequate approaches to the study of complex phenomena such as subjectivity. The Qualitative Epistemology represents the change of an epistemology of response to an epistemology of construction, in which the instrumental apparatus is substituted by a constructive methodological approach and rely on three principles: knowledge is a constructive-interpretative pro-

Recebido em 07/outubro/2009
Aprovado em 18/janeiro/2010

duction; the interactive quality of the knowledge production process is emphasized on the relationship researched-researcher and the meaning of singularity is a legitimate level of the knowledge production. We also present an example of research in this epistemological proposal.

Key words: Qualitative epistemology; Interpretative-constructive method; Qualitative research; Subjectivity; Clinic psychology.

A proposta deste texto é de explicitar de forma sintética a contribuição de Fernando González Rey, através de uma revisão bibliográfica, considerando seus antecedentes históricos e seus principais conceitos. Mantemos o foco na Epistemologia Qualitativa, na qual a produção científica consiste em uma forma de aproximação e diálogo com o real, numa proposta de conhecimento construtivo-interpretativo. Este autor, sem dúvida, tem contribuído para o importante processo de explicitação dos nós epistemológicos da ciência psicológica e também traz contribuições inestimáveis sobre a adequabilidade científica da pesquisa qualitativa em determinados campos de saber, sobretudo na área de saúde.

A Epistemologia Qualitativa mostra-se capaz de orientar a construção de alternativas metodológicas e a escolha de abordagens mais adequadas ao estudo de fenômenos complexos, como é o caso da subjetividade^{1,2,3,4,5,6,7,8}. Fundamentalmente a sua visão rompe com dicotomias históricas, presentes na Psicologia, e nos abre novos espaços lógicos de reflexão. Sua abordagem implica em mudanças radicais na produção do conhecimento, no qual o aspecto metodológico deve ser acompanhado de permanente reflexão epistemológica. No livro “Sujeito e Subjetividade” publicado em 2003, este autor praticamente desconstrói os grandes pilares da Psicologia contemporânea. Com um olhar crítico e lúcido, ele explicita através de sínteses e análises recursivas, os grandes nós epistemológicos da Psicologia contemporânea. Ao final deste percurso, antigas dicotomias são superadas e novos conceitos que têm embasado o conhecimento psicológico surgem gradativamente bem como nossa con-

cepção de ciência. Neste sentido, agregamos aqui, uma definição esclarecedora do que vem a ser um conhecimento científico: “... Científico não é o que foi **verificado** – nem os positivistas de orientação popperiana acreditam nisso –, mas o que vem a ser **discutível**”⁹.

Antecedentes da Epistemologia Qualitativa

Fernando González Rey traça em sua obra uma extensa análise dos antecedentes epistemológicos da pesquisa qualitativa, mostrando as concepções que trouxeram entraves e aquelas que puderam colaborar no sentido de trazer avanços para o reconhecimento do valor do enfoque qualitativo para a investigação em Psicologia, e não como uma opção contrária aos métodos de produção de conhecimento característicos do pensamento positivista que marcou o início do surgimento desta ciência^{3,4,5}. A diferença entre o qualitativo e quantitativo não é metodológica, mas sim epistemológica.

Os fundamentos epistemológicos que sustentam a concepção da Epistemologia Qualitativa visam a colocar a subjetividade em cena, dando a este constructo uma recolocação de valor e processo, que “...representa um esforço para superar as reminiscências do positivismo...”⁵. A análise histórica das tendências epistemológicas, que influenciaram o desenvolvimento do pensamento na Psicologia, levou este autor à concepção e defesa da subjetividade como construção ontológica, um sistema de significações e sentidos subjetivos nos quais se organiza a vida psíquica do sujeito e da sociedade.

A partir da análise dos antecedentes da pesquisa qualitativa, González Rey traça uma trajetória dos antecedentes do pensamento na Psicologia, e que influenciaram sua proposição por uma Epistemologia Qualitativa que procura legitimar o aspecto processual da construção do conhecimento. Sua crítica maior se volta para as influências que o pensamento positivista, do final do século XIX e início do século XX, tiveram na definição do conhecimento em Psicologia pautado por preocupações mais comportamentais⁵. Desta forma, então, o autor procura descrever como a Psicologia buscou as alternativas a este positivismo.

A trajetória dos antecedentes passa por estas correntes teóricas: Comportamentalismo, Psicanálise, Humanismo, Fenomenologia, Psicologia soviética, Construtivismo de Piaget, Construcionismo Social. Vamos agora expor, de forma sintética, cada uma destas influências com base em dois de seus livros: *Epistemologia Cualitativa y Subjetividad* publicado em 1997 que contém um texto mais denso, mais completo e também mais crítico, e *Pesquisa Qualitativa em Psicologia* publicado em 2002 que traça esta trajetória de forma mais resumida, porém mais acessível e direta.

O Behaviorismo foi a corrente teórica que melhor representou o positivismo na Psicologia, e na qual houve desconhecimento da subjetividade por ser um aporte muito influenciado por concepções mecanicistas, herança da física. As contribuições dos autores deste pensamento teórico provêm, desde a década de 1890, daqueles que pesquisam de forma eminentemente empírica. Em seguida, temos as concepções humanistas provenientes do pensamento francês, tais como a Psicanálise e o Marxismo, que mostraram avanço pela introdução da noção do conceito de inconsciente e pela aproximação com a expressão da dimensão subjetiva somente dentro da vida cultural. Principalmente a Psicanálise atribuiu significação a qualquer expressão singular do sujeito. A Psicanálise (principal referência a S. Freud) representou, inegavelmente, uma forma diferenciada de produzir conhecimento, no momento em que introduziu o caráter interpretativo, singular e dinâmico da interpretação dos fatos, e reforçou o papel do sujeito como produtor do conhecimento. No esforço em conhecer o objeto da Psicologia como uma dimensão interna do sujeito, caracterizado pelos conflitos inconscientes, a Psicanálise traçou um caminho próprio, contraditório, diferenciado e divergente ao positivismo³.

O Humanismo, ao reconhecer a atividade diferenciada do indivíduo irreduzível a padrões universais combateu o “reducionismo biologicista freudiano”, dando maior destaque à singularidade do sujeito. Neste sentido, os trabalhos de Carl Rogers são dignos de nota¹⁰. Dentre os autores humanistas, Allport destaca-se pela proposição de um novo caminho metodológico para o estudo da personalidade. Inconformado com a padronização e rigidez dos instrumentos utilizados nos testes de personalidade, sentiu a necessidade de desenvolver outras formas de busca de informações sobre o objeto de estudo³. Ainda na linha de valorizar as expressões do Humanismo, González Rey enfatiza as contribuições da Gestalt com a introdução de uma perspectiva metodológica mais consistente em relação àquelas apresentadas anteriormente³. A Gestalt ressalta a importância das observações não somente relativas ao tópico a estudar, mas a consideração de todas aquelas que aparecem ao longo da investigação e que estejam relacionadas com o tópico em questão. A Gestalt permite uma maior abertura do investigador ao fenômeno estudado, onde o problema é inseparável dos processos que surgem no contexto da investigação³.

O Marxismo contribuiu através de psicólogos soviéticos que assumiram uma posição de rechaço a qualquer idéia de dicotomia entre o interno e o externo na vida psíquica, compreendendo que o psíquico e o social são indissociáveis, e que qualquer teoria sobre o sujeito não poderia se referenciar nesta dicotomia. O impacto das idéias marxistas trouxe uma visão de que a essência humana tem que ser vista como um processo social, gerando uma representação dos processos psíquicos humanos. A Psicologia soviética constituiu-se numa outra via em direção ao desenvolvimento da investigação qualitativa em Psicologia, o que inclui as grandes contribuições da abordagem marxista e da teoria de Vygotsky para a Psicologia. A presença do Marxismo (principal referência a K. Marx) na Psicologia soviética foi marcada por diferentes momentos ao longo do tempo. Uma das contribuições do Marxismo foi em relação à representação da psique. Os pesquisadores russos consideram a principal via na constituição da psique é representada pelo social, compreendido como processo cultural³.

A Fenomenologia contribuiu, ainda dentro do escopo do Humanismo, com a postulação de uma presença permanente da essência universal da humanidade, que tem diversas expressões, mas que tende sempre à auto-realização humana. O Cons-

trutivismo (principais referências a construtivistas radiciais: E. von Glaserfeld e H. Maturana), representado desde Piaget, também ofereceu influência na medida que sempre postulou sua posição pelos trabalhos qualitativos, de observação acurada e permanente, e ênfase nos processos de desenvolvimento, além de buscar a integração da qualidade e da quantidade nos trabalhos de investigação. E finalmente o Construcionismo Social (principais referências a K. Gergen e também a V. Guidano e M. Mahoney) nos trouxe uma concepção de sujeito voltada para as trocas lingüísticas, afirmando que a substância do mundo social são as conversações, que estes jogos conversacionais nos moldam e marcam nosso lugar, e que o sistema de relações no qual estamos inseridos se superpõe a nossa vida pessoal. Estamos envolvidos em uma trama de social que se processa nos jogos relacionais e de conversações.

González Rey ainda aponta outras tendências que tiveram sua importância na elaboração do pensamento qualitativo para privilegiar o conhecimento em Psicologia. Temos a contribuição da Hermenêutica que tem sido vista mais como metodologia, mas que sem dúvida nos legou uma outra dimensão mais aprofundada da interpretação na pesquisa. E ainda a Teoria da Complexidade, que implica na aceitação da natureza múltipla e diversa do objeto estudado, de sua composição integrada e desintegrada, de suas dimensões contraditórias. Os objetos de estudo mudam, são imprevisíveis e sua forma de expressão é mutável rompendo com as expectativas de ordem, regulação e contrariando regras de tentativa de se reproduzir nas pesquisas as “verdades” construídas nas generalizações³.

Gostaríamos de citar, em especial, as contribuições de Feyerabend para a linha de pensamento de Fernando González Rey. Feyerabend afirma que em ciência “tudo vale”. Para ele, na verdade, não existe uma entidade monolítica chamada “ciência”, sendo impossível uma “teoria da ciência” ou mesmo um “método científico”¹¹. A marca deste autor consiste na afirmação da liberdade do pesquisador frente a experiência. Para ele, os problemas científicos devem ser resolvidos e abordados nas próprias circunstâncias em que surgem. A influência de Feyerabend na obra de González Rey é perceptível, ambos optam por enfatizar uma postura ética frente à ciência, relativizando a questão metodológica.

No esforço de descrever sucintamente os antecedentes históricos da Epistemologia Qualitativa,

para finalizar este tópico, vale a pena reconhecermos a importância das pesquisas qualitativas realizadas pelos antropólogos no século XIX. Nesse contexto, a investigação etnográfica surgiu para dar conta de muitas informações, que não podiam ser quantificadas, presentes nos estudos em comunidades. O modelo etnográfico que tinha como intenção o estudo das culturas humanas, trazia como proposta a introdução do investigador no campo, a partir da pesquisa participativa³. É importante assinalar que a Epistemologia Qualitativa implica em importante deslocamento do “centro de gravidade” da produção de conhecimento do plano empírico para o teórico, como se existisse um grande marco macroteórico que funciona como guia, assinalando a realidade através de indicadores de sentido que passam a doar significados aos eventos.

Vemos, então, que González Rey traça um percurso do desenvolvimento da pesquisa qualitativa e como este aspecto, no momento, proporciona as condições para que a categoria subjetividade seja sua principal proposição para investigação. Este percurso é importante na medida em que nos oferece uma visão epistemológica das mudanças do pensamento na Psicologia, e assim podemos melhor compreender o cerne das transformações que permitem colocar a subjetividade como um processo individual e social. Em trabalhos posteriores^{7,8} o autor indica já ter discutido suficientemente os antecedentes da Epistemologia Qualitativa e nos convida a nos voltarmos para a compreensão e discussão dos aspectos processuais do sujeito e sua subjetividade, focando seu maior interesse neste âmbito.

Princípios Teóricos da Epistemologia Qualitativa

Desde o início o interesse deste autor foi sobre investigar a personalidade vista sob o ângulo de sua complexidade. Ele reconhece que a Psicologia deixou fora de seu âmbito de conhecimento os processos psicológicos subjacentes aos comportamentos, por carecer de uma reflexão epistemológica sobre suas construções teóricas³. Neste sentido, a motivação deste autor se volta para o estudo do processo da subjetividade como um fenômeno complexo que deve ser conhecido de forma mais aproximada e dinâmica através de métodos qualitativos. Para isto foram fundamentais os trabalhos de autores russos em particular (L.S. Vygotsky e seus discípulos), que buscaram considerar as expressões do sujeito que podem ser oferecidas para conhecimento de forma indireta, e reconhe-

cer que a resposta a perguntas proporciona um conhecimento parcial. Esta abordagem se dá na consideração do sujeito individual que é social e na perspectiva de uma Psicologia Social que leve em conta o sujeito individual.

“O desenvolvimento de uma representação holística da personalidade que esteja em condições de construir teoricamente os fenômenos subjetivos da individualidade de forma dialética e complexa, supõe o abandono da compreensão linear entre a personalidade e a conduta, considerando-se esta última como um elemento mais da construção teórica, com a perda de seu caráter de resultado final para julgar a validade do conhecimento produzido”³.

Os princípios teóricos, que orientam o desenvolvimento de uma teoria da personalidade, se constituem na subjetividade como o espaço de discussão, e são:

- a personalidade é um sistema subjetivo constituído por diferentes unidades psicológicas que se transformam no curso das atividades do sujeito e se caracterizam como configurações subjetivas,
- toda atividade tem um sentido subjetivo para o sujeito,
- a emoção tem papel fundamental na constituição subjetiva das configurações (interação de elementos dinâmicos que o sujeito expressa em algo que faz ou com quem se relaciona),
- a constituição subjetiva da personalidade se integra de forma permanente como momento do sujeito psicológico,
- o indivíduo, como sujeito psicológico concreto, atua como um determinante do próprio curso de suas experiências,
- a cultura passa a ser um determinante de dimensão interna,
- o sentido das coisas para o sujeito está mediado por suas reflexões,
- o estudo do social implica necessariamente no estudo do sujeito individual.

Sendo assim, devemos apontar os princípios da Epistemologia Qualitativa de González Rey^{4,7} que têm importantes conseqüências metodológicas,

porque o estudo da subjetividade somente adquire sentido para o conhecimento dentro de um processo interpretativo:

1. O conhecimento é uma produção construtivo-interpretativa, isto é, o conhecimento não é uma soma de fatos definidos por constatações imediatas do momento empírico.
2. O caráter interativo do processo de produção do conhecimento, onde é enfatizado que as relações pesquisador-pesquisado são uma condição para o desenvolvimento das pesquisas nas ciências humanas.
3. A significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento.

A pesquisa representa um processo constante de produção de idéias que organiza o pesquisador no cenário complexo de seu diálogo com o momento empírico⁴. Sem dúvida, o pesquisador, durante este diálogo, interpreta a realidade. Como interpretá-la constitui empreitada fundamental que vai se delineando gradativamente através do método qualitativo de cunho dialético, já que as realidades são dinâmicas e não lineares, a delimitação de conceitos representa etapa fundamental na compreensão mais aprofundada da Epistemologia Qualitativa. O primeiro princípio refere-se ao papel da teoria na interpretação, que dever ser de um instrumento onde o investigador utilize durante todo o processo de investigação, como marco de referência para suas construções teóricas. Entretanto, fora do momento empírico, algumas construções teóricas se tornam complexas e assumem um caráter diferente da interpretação, sendo significativas para a produção de teoria. O investigador produz idéias o tempo todo, o que lhe dá capacidade de produzir estruturas teóricas além do empírico. Neste sentido, ocorre um salto qualitativo e não existe uma linearidade entre a teoria e a dimensão empírica.

“O momento interpretativo da construção teórica nas ciências sociais é permanente, e a relação do subjetivo com o objetivo constitui uma condição para a configuração progressiva da objetividade do conhecimento”³.

O segundo princípio da Epistemologia Qualitativa relaciona-se com a dimensão interativa inerente à pesquisa qualitativa. Neste sentido, o inusitado, o imprevisível, representa os elementos inerentes às relações entre investigador e os sujeitos estuda-

dos. Momentos informais que surgem durante a comunicação também são momentos produtores de informação relevante para a produção teórica³.

O terceiro princípio defende a singularidade como uma fonte legítima do conhecimento científico. A singularidade se constitui como realidade diferenciada na história da constituição subjetiva do sujeito, representando uma forma única de ser. Esse princípio tem uma repercussão direta sobre a questão do número de sujeitos a estudar, que segundo González Rey deve ser definida pelas necessidades de conhecimento que aparecem durante a investigação.

As necessidades de informação durante a pesquisa podem determinar o aumento gradativo do número de sujeitos estudados. A informação expressada por um único sujeito pode representar um momento especial na produção do conhecimento sem a necessidade de repetição em outros sujeitos para serem legitimados. Neste sentido, o reino da pura quantidade ou da pura qualidade é ficção conceitual¹². “A própria qualidade total está enredada nesta trama complicada. É comum bastar-se com quantidades insatisfatórias...”. O risco dos usos e abusos de pesquisas qualitativas, enfatizando a importância do formalismo e da sistematização, e da necessidade de uma compreensão mais aprofundada da idéia de qualidade e de quantidade¹¹.

O Conceito de Subjetividade

A Epistemologia Qualitativa busca orientar a construção de abordagens mais adequadas no estudo de fenômenos complexos, como é o caso da subjetividade. Para compreendermos a estrutura do pensamento de González Rey, não podemos esquecer da importância do conceito de subjetividade⁶:

“O conceito de subjetividade abre uma ‘zona de sentido’ na construção do pensamento psicológico, orientada para significar a organização complexa do sistema de sentidos e significações que caracteriza a psique humana individual e os cenários sociais que o sujeito atua. A subjetividade representa uma construção teórica de valor ontológico, ao passo que é um conceito orientado para gerar visibilidade sobre as formas da realidade que o conceito delimita”⁶.

O desenvolvimento da subjetividade, no entanto, não responde a uma simples preferência teórica, mas sim à tentativa de reconceituar o fenômeno

psíquico em uma ontologia própria, específica do tipo de organização e processos que o caracterizam⁶. Esta tentativa não pode ser teoricamente acometida sem uma mudança epistemológica e metodológica que apóie a produção desse conhecimento, orientado para uma realidade vista de forma sistêmica, dialética e dialógica.

O conceito de subjetividade pode ser definido como um complexo e pluridimensionado sistema, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem dentro do contínuo movimento das complexas redes de relação que caracterizam o desenvolvimento social. O conceito de subjetividade permite a compreensão dos diversos processos de subjetivação. Sabemos que o sentido exprime as diferentes formas de percepção e interpretação da realidade em complexas unidades simbólico-emocionais. Trata-se de conceito instigante e que nos convida a investigar os complexos processos da realidade nos quais o homem está envolvido, cenários múltiplos das criações humanas, eternas fontes de sentido⁶.

A Importância da Interpretação e da Hermenêutica para a Pesquisa

A realidade é múltipla e polissêmica. A palavra introduz a dimensão do equívoco. A vida implica inevitavelmente na realização de interpretações. O que fazer com o viés inevitável decorrente da interferência da subjetividade do observador diante do mundo? O que é passível de interpretação? Sabemos que por detrás do discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico, esconde-se um sentido que convém desvendar. As ciências humanas operacionalizaram múltiplas técnicas de análise das comunicações. Os dados representam um universo de vivências e sentidos a serem trabalhados dentro de nosso enfoque epistemológico.

A proposta metodológica qualitativa, indica a efetivação de um diálogo fecundo com a realidade estudada, permitindo ao pesquisador maior liberdade mesmo que através dos riscos da atividade interpretativa, que constantemente se nutre das evidências empíricas⁴. Neste sentido, o significado dos instrumentos na pesquisa se modifica. De forma radicalmente diferente da ótica positivista onde muitas vezes os instrumentos se convertem em um fim em si mesmos, dada a capacidade atribuída a eles, para produzir resultados finais, neste novo contexto epistêmico, os instrumentos passam a representar⁴ “... uma ferramenta interativa, não uma via objetiva geradora de resultados capa-

zes de refletir diretamente a natureza do estudado independentemente do pesquisador”⁴.

A necessidade de dar sentido às expressões humanas se deve ao caráter interativo subjetivo do sujeito humano. A partir da interpretação, o investigador integra, reconstrói e apresenta indicadores produzidos durante a investigação. A interpretação é um processo de complexidade progressiva que se desenvolve pela significação do estudado. Assim, a construção teórica acontece a partir do momento que o investigador atribui sentido a diferentes manifestações concretas do objeto estudado. Desta forma, González Rey retoma a Hermenêutica como forma de interpretação da experiência humana, experiência que se constitui a cada momento da ação do sujeito³. E completa: o homem como objeto de investigação hermenêutica está vinculado a sua situação atual e suas construções de sentido, e isto está presente na vida prática. Esta posição se coaduna com a perspectiva de conhecimento da subjetividade como processo que se atualiza a todo momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de conhecimento na pesquisa qualitativa envolva o pesquisador com seus ideais, preferências e estilo pessoal⁴. Neste sentido, um grande desafio se coloca a partir da Epistemologia Qualitativa, pois é preciso aprender a lidar com o caráter processual do conhecimento, o que implica um constante recomeço. Apesar de toda a complexidade de tal processo, o pesquisador na área das Ciências Humanas e mais especificamente na área da Psicologia deve, imbuído de perseverança, trilhar caminhos que permitam a realização de práticas hermenêuticas fecundas e menos simplistas¹⁵. E neste sentido: “nós construímos a realidade que nos constrói”¹⁵.

O olhar otimista de González Rey diante da condição humana, e diante da crença em uma fertilidade teórica do pesquisador na área de Psicologia, acaba por nos instrumentalizar no sentido de realizarmos uma denúncia a um certo psicologismo, e também a um certo vício teórico inerente à Psicologia de patologizar certos fenômenos que extrapolam a esfera teórica. Nem tudo que mobiliza e que faz sofrer o ser humano é psicológico. Percebemos um certo psicologismo que reduz fenômenos e questões filosóficas, econômicas, sociais e históricas a modelos restritos. Na verdade, esse novo olhar diante do humano deve ser sub-

versivo e transgressor, na medida em que rompe com uma certa ideologia que aprisiona, que busca apenas classificar, verificar e prever. A importância da mudança de paradigmas e de visões rígidas é patente no estudo das vivências emocionais do ser humano.

Considerando que na racionalidade moderna, o desejo assume um papel central na vida humana é preciso assumir a responsabilidade inerente ao papel de pesquisador, que é de acreditar que as reflexões desenvolvidas neste trabalho possam contribuir para a efetivação de mudanças concretas no campo da pesquisa. Faz se necessária uma maior proximidade, um maior interesse e uma maior empatia entre o pesquisador e a realidade estudada. Faz se necessária o resgate do valor da pessoa, no processo da pesquisa. É preciso consolidar a importância da pesquisa qualitativa, o que só ocorrerá através de reflexões rigorosas que explicitem toda a fundamentação epistemológica e metodológica de tal abordagem.

Um texto de Neubern publicado em 2005, outro autor teórico que segue a linha de pesquisa de González Rey, ao falar sobre a investigação a respeito da subjetividade, aponta que nesta temática existem controvérsias e incertezas além de relevância nos caminhos das pesquisas, pois se trata da afirmação da ciência como construção humana¹⁶. O momento é de um otimismo inegável, embora ainda estejamos, conforme este autor na pré-história do pensamento humano¹⁷.

E finalmente, queremos apontar que a experiência, que tivemos na aplicação das propostas teórica e metodológica de Fernando González Rey, nos coloca frente ao desafio de tentar minimizar a grande distância que existe entre a elaboração do relatório escrito e a construção das informações com privilégio da dimensão processual. O relatório de pesquisa, documento a que todos têm acesso, somente oferece a conhecimento o nível descritivo da pesquisa. O nível construtivo da investigação está implícito no relatório, mas não se tem acesso a ele, pois está inscrito na experiência do pesquisador, e por mais que este possa se aproximar do que significou o processo de conhecer e organizar este conhecimento, sempre estará um tanto distante da experiência mesma.

REFERÊNCIAS

1. González Rey, F. Personalidad, salud y modo de vida. México: Universidad Nacional Autónoma de México. 1993.
2. González Rey, F. Problemas epistemológicos da psicologia. La Habana: Editorial Academia. 1996.
3. González Rey F. Epistemologia cualitativa y subjetividad. La Habana: Editorial Pueblo y Educación. 1997; p. 69; p. 8.
4. González Rey F. Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios (M. A. F. Silva, Trad.) São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2002; p. 80; p.74.
5. González Rey F. La subjetividad: su significación para la Ciencia Psicológica. Em F. González Rey & O. Furtado (Orgs.), Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais (pp. 19-42). São Paulo: Casa do Psicólogo. 2002 ; p. viii .
6. González Rey F. Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico cultural (R. S. L. Guzzo, Trad.) São Paulo: Thomson. 2003; pg XI..
7. González Rey F. Pesquisa qualitativa e subjetividade. Os processos de construção da informação (M. A. F. da Silva, Trad.). São Paulo: Thomson. 2005 a.
8. González Rey F. O Valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. Em F. González Rey (Org.), Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2005b; pp. 27-51.
9. Demo, P. Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos. São Paulo: Papirus. 2001; p.33.
10. Rogers, C. Tornar-se pessoa (M. J. C. Ferreira, Trad.) São Paulo: Martins Fontes. 1961.
11. Feyerabend P. Contra o método. (L. A. Villao, Trad.) Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1988.
12. Demo P. Pesquisa qualitativa: busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. Revista Latino-Americana de Enfermagem. 1998; 6(2): 1-3.
13. Morin E. Pensar, criar, viver. Cult. 2007; 10: 9-15.
14. Neubern M. S. A subjetividade como noção fundamental do novo paradigma: breve ensaio. Em F. González Rey (Org.), Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2005 pp. 53-79.
15. Morin E. A cabeça bem feita. Repensar a reforma. Reformar o pensamento (E. Jacobina, Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2000.

Este texto foi retirado da Tese de Doutorado “Filhos de Baco: Adolescência e Sofrimento Psíquico Associado ao Alcoolismo Paterno”, realizada pela primeira autora, orientada pela segunda autora, e defendida em maio de 2007 perante o Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília.